

**CURSO: ARQUITETURA E URBANISMO**

**DISCIPLINA: Cartografia - ensaios acerca de redes e territorialidades**

**PROFESSORES:** Pedro Vada (resp.), Pedro Sales e Carolina Heldt

**DIA DA SEMANA:** quarta-feira

**HORÁRIO:** 19h30-21h30

<b>ETAPA</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>DATA</b>
1º ao 6º ano	60 horas	2º semestre de 2021

### **OBJETIVOS**

Aprofundar as reflexões acerca de ideias, linguagem e modos de cartografar as distintas territorialidades, criar um espaço de provocação e investigação da multiplicidade de enfoques e heterogeneidade metodológica ao tratar de redes urbanas de espaços livres e da multiplicidade de eventos, corpos e sistemas nelas implicados como territorialidades.

### **EMENTA**

Discutir criticamente alternativas de cartografar a realidade, hipótese que supõem a possibilidade de fecundar (crossfertilize) conceitos e práticas oriundos de diversos domínios. Desde este ponto de vista, os modos de constituição e operação de um mapa – “um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo, como as linhas da mão” (Deleuze, Guattari, 1984) –, podem fazer os campos do saber influenciarem-se reciprocamente. Para isso, serão abordadas quatro pesquisas de distintos campos, mas que relacionam e implicam possibilidades cartográficas das

redes e territorialidades, objeto este de ensaios práticos experimentais sobre estudos de caso.

### **METODOLOGIA**

Aulas expositivas e exercícios de experimentação cartográfica. Estes, em sessões intercaladas àquelas, e a partir das lições compartilhadas pelos professores convidados, se propõem como ensaios, enunciados gráficos de como se experimenta um mundo e o dota de significado. Em seus diversos recortes de escala, de tema ou técnicas a serem definidos e trabalhados individual ou coletivamente. Sem a pretensão de esgotar o conhecimento de seu objeto, nem de o criar a partir do nada, o ensaio gráfico, na esteira do literário<sup>1</sup>, busca fazê-lo aparecer por um ângulo novo ou instigante. Exige a análise, a reflexão, nunca apenas a descrição, nem tampouco a subjetividade exacerbada: é antes descaminho do pensamento. Risco, sem se fiar nem em um eu subjetivo nem em uma disciplina objetiva: opera pelo entrecruzamento de diferentes áreas do saber. Mais, no ensaio nenhuma construção se dá por perfeita, acabada de uma vez por todas. Há uma precariedade inerente. O incompleto pode levar o pensamento adiante, mediante a possibilidade de encontrar em passagens mais que interdisciplinares, indisciplinadas mesmo, novas relações entre coisas. Esboços. Tentativas. Errar n-1 vezes para errar melhor.

### **CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO**

Nota única – conjunto de ensaios cartográficos no final do curso

## **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

Aula 1: Apresentação do curso

Aula 2: **Yuri Tambucci / José Guilherme Magnani NAU-USP**

**Yuri Tambucci** - Mestre em Antropologia Social pela USP e pesquisador associado do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU-USP).

**José Guilherme Magnani** - Professor Titular do Departamento de Antropologia da FFLCH da USP e doutor pela mesma instituição.

Aula 3: Exercício 1 – produção e atendimento

Aula 4: Exercício 1 – produção e atendimento

Aula 5: Exercício 1 – Apresentação e debate

Aula 6: **David Sperling – IAU/USP** - Professor-doutor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP e coordenador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas do IAU-USP (NEC-IAU/USP).

Aula 7: Exercício 2 – produção e atendimento

Aula 8: Exercício 2 – produção e atendimento

Aula 9: Exercício 2 – Apresentação e debate

Aula 10: **Marta Bergamin – FESP-SP** - Professora de Sociologia da Escola de Sociologia e Política. Doutora pela Ufscar. Pesquisadora nos temas de Cidade e Trabalho.

Aula 11: Exercício 3 – produção e atendimento

Aula 12: Exercício 3 – produção e atendimento

Aula 13: Exercício 3 – Apresentação e debate

Aula 14: **Gabriela Leandro – UFBA** - Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e doutora pela mesma instituição. Coordenadora da linha de pesquisa “Presença Negra na Produção da Cidade”.

Aula 15: Exercício 4 – produção e atendimento

Aula 16: Exercício 4 – produção e atendimento

Aula 17: Exercício 4 – Apresentação e debate

Aula 18: Encerramento

## **PROVOCAÇÃO**

Cartografia e território são conceitos de antiquíssima associação, termos de equações e enunciados que têm sido operados em cada momento histórico de modo a descrever, representar, conhecer, analisar, demarcar, dominar, apropriar e usar porções da terra, em suas diversas e múltiplas geografias. No entanto, não cabe seguir aqui a genealogia dos termos e de sua relação que remonta pelo menos ao século XIV, mas indagar possibilidades que, para o urbanismo e as disciplinas humanas em geral, podem se abrir desde aportes dos geógrafos contemporâneos – como Haesbaert entre outros – e dos “filósofos- cartógrafos” – sobretudo, Deleuze, Guattari, Foucault, Simondon, Serres e outros autores, notadamente, Zourabachvili, Lapoujade e Rolnik.

O que interessa nisso são os movimentos de remissão – transversais, recíprocos e contínuos – que supõem a possibilidade de fecundar (*crossfertilize*) conceitos e práticas dos mais diversos domínios. Desde este ponto de vista, os modos de constituição e operação de um mapa – “*um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo, como as linhas da mão*” (DELEUZE, GUATTARI, 1984) –, podem fazer os campos do saber influenciarem-se reciprocamente mesmo a uma grande distância, ainda quando exploram temas não contíguos entre si.

De modo provocador, Deleuze ressalta que é a geografia, não a história, que importa para o pensamento, ou, pelo menos, para um novo modo de pensar. Isso no sentido de que a história consistiria mais em resistência e inércia (“apesar da história”) do que em produção de outros modos e agenciamentos de multiplicidades em devir. Como diz Deleuze do dispositivo de Foucault (como se fora sua própria conceituação de agenciamento): “*Então é preciso desemaranhar as linhas, e, em cada caso, traçar um mapa, cartografar [...]. É*

*preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal<sup>1</sup>". Assim é que, ao mesmo tempo, "as diferentes linhas de um dispositivo repartem-se em dois grupos que se pressupõem mutuamente: linhas de estratificação ou de sedimentação (a estabilidade de Simondon), linhas de atualização ou de criatividade (a metaestabilidade que procede simultaneamente à aquela, que, por sua vez, a implica)".*

Variação, produtividade, proliferação. Dobras e segmentações. Daí a ideia de máquinas e mapas: "cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama". Não representação, interpretação ou significância (e tampouco contradições e oposições binárias, derivadas das relações biunívocas causa/efeito, significante/significado, infraestrutura/superestrutura, forma/função). Mas mapas, linhas contínuas, quebradas, em zig-zag. E, por elas, segmentos estabilizados e planos de agenciamento maquinados, implicando, como dois lados de uma moeda, códigos e modos de organização e de desenvolvimento estratificados (com seus territórios-escalas próprios), e vetores de desterritorialização e decodificação correlativos; esses vetores, as máquinas sociais – técnicas e semióticas ao mesmo tempo – os operam, pelas pontas da diferença, constituindo devires: individuação e subjetivação (e não identidade própria e acabada de uma vez por todas).

Então, o que se tem sempre são linhas de variação: por elas um grupo de elementos previamente desconectados inesperadamente atinge um estado crítico pelo qual estes começam a cooperar para formar uma entidade superior<sup>2</sup>. São múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência do mesmo não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de

---

<sup>1</sup> DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Ed, Brasiliense, 1988

<sup>2</sup> A variação do espaço dinâmico e das estratégias de agenciamento, bem como das singularidades, das qualidades e operações que isso supõe, tornam claras as diferenças "metalúrgicas entre o sabre em aço fundido ("arma de talho e oblíqua") e a espada em ferro forjado ("estoque, trespasse de frente)". (Deleuze, Guattari, 1984).

organização<sup>3</sup>. E daí que, mais que indicar o que era, para a cartografia, na conceituação que se busca construir, o desafio é de poder dar as pistas do que está em vias de ser.

Se isso dá conta do que passa com as territorialidades<sup>4</sup> - ou seja, no caso específico desta proposta, entendidas como formas de povoar o tempo fora das, ou pelo menos entre as, segmentações duras da vida e seus espaços codificados<sup>5</sup> -, a hipótese metodológica que daí deriva<sup>6</sup> remete à ideia de cartografia como agenciamento de figuras, vetores e relações que possam se mostrar possíveis pelo entrecruzamento, sobreposição e justaposição de camadas heterogêneas (próprias a categorias específicas e distintas, não contíguas entre si), com o sentido de fazer emergir novas gramáticas, novas sintaxes e sentidos do campo em estudo.

Em um mundo que se organiza por redes múltiplas, interconectadas e descentralizadas, se faz necessário a criação não apenas de novas categorias conceituais, mas também a ressignificação dos ferramentais representativos

---

<sup>3</sup> L O P E S, M. I V. A teoria barberiana da comunicação. São Paulo: Matrizes. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>

<sup>4</sup> Cabe aqui apenas observar, a partir de Guattari (1987), que a cada agenciamento, a cada formação, a cada regime, em que domínio for, o devir passa por mudança de código, decodificação e recodificação (do mesmo modo que a perspectiva clássica advém simultaneidade cubista ou o abstracionismo Klee-Kandinski-Pollock; ou a continuidade narrativa se torna simultaneidade literária). E, em pressuposição recíproca, por desterritorialização / reterritorialização dos elementos (como exemplo, o centro no subúrbio americano), fazendo variar não apenas os pontos de vista, mas, sobretudo, a seleção e as formas de arranjar e/ou inventar os elementos, as singularidades próprias a cada *phylum*, ou linhagem. Instância combinatória, “a cada agenciamento o *phylum* seleciona, qualifica e mesmo inventa os elementos técnicos” (16), e ao mesmo tempo em que o atravessa (para continuar em um outro) é recortado por ele em linhagens diferenciadas.

<sup>5</sup> Haesbaert. R. (2014) “Alguns autores, numa visão mais estreita, reduzem a territorialidade à dimensão simbólico-cultural do território, especialmente no que tange aos processos de identificação territorial[...]justamente por fazer uma separação demasiado rígida entre território como dominação (material) e território como apropriação (simbólica) que muitos ignoram e a complexidade e a riqueza da “(multi)territorialidade”.

<sup>6</sup> Derivação esta em linha com o trabalho teórico e prático de pesquisa em desenvolvimento na Plataforma Agenciamentos Territoriais Contemporâneos, estruturada no Conselho Científico da Escola da Cidade.

que endossam uma nova estrutura do pensamento – aqui a cartografia como peça fundamental, mas que se pode estender também ao diagrama. A potencialização de um pensamento mais maleável e topológico.

O diagrama é instrumento de articulação provisória, movente, e aberta da realidade. E que, diante de forças e vetores, coloca o pensamento em um confronto plural e instável. Visto comumente em nosso campo apenas como aparato representacional (produto), o diagrama, em sua potência, proporciona um meio para a desterritorialização do conhecimento e da linguagem – essa que busca a comunicação pela ordenação e simplificação, e que, no entanto, repousa sempre sobre o caos. A representação diagramática que não é mais do objeto ou do sujeito, mas das relações. Tal hipótese possivelmente reverbere no Atlas de Abe Waburg, no sentido de propor uma constelação de formas e relações que, quando justapostas e colocadas em uma nova ordem, pode, visual e graficamente, promover insights imediatos e sinóticos, imaginação e entendimento novos de territorialidades e seus devires.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

ALLEN, Stan. Points + Lines: Diagrams and Projects for the City. Princenton: Princeton Architectural Press, 1999

DUPUY, Gabriel. El urbanismo de redes. Teorias y métodos. Barcelona: Oikos Tau, 1998

HAESBAERT, Rogério. Viver no limite: Território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertand Russel, 2014

RAGO, Margareth. Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias. São Paulo: ECidades, 2015

ROLNIK ,Suely. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SERRES, Gilbert. Atlas. Madri: Ediciones Cátedras, 1995

SIMONDON, Gilbert. Du mode d'existence des objets techniques. Paris: Editions Aubiers, 1989

SIMONDON. Gilbert. L'Individu et sa genèse psychobiologique. Paris: PUF, 1964.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

DE LANDA, Manuel. The machinic phylum.

<http://framework.v2.nl/archive/archive/node/text/default.xslt/nodenr-70071>, 1997

DELEUZE, Gilles, GUATTARI , Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34: 1987

VIGANÓ, Paola. La ciitá elementare. Milão: Skira editores, 1999